

AMAZÔNIA**Barco Zona Franca Verde leva cidadania à região**

Uma embarcação recuperada, após 5 anos de abandono, é a peça-chave para o programa estadual de atendimento à população ribeirinha na Amazônia. Batizado de Barco Zona Franca Verde, além de auxiliar o Programa de Desenvolvimento Sustentável do Gasoduto Coari-Manaus, que atende às comunidades localizadas ao longo do traçado do empreendimento. Apesar das controvérsias sobre os impactos sócio-ambientais da construção do gasoduto Coari-Manaus, que inicia em 2007 o transporte de 5,5 milhões m³/dia de gás natural em seus quase 400 Km de extensão, “os benefícios trazidos pelo programa são indiscutíveis”, afirma sua coordenadora, Nádia Cristina Ferreira.

O titular da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, Virgílio Viana, afirma que além das medidas de prevenção de impactos ambientais do gasoduto, foi estruturado um Programa de Desenvolvimento Sustentável para as comunidades que estão em sua



Navegando pelo Solimões, barco oferece serviço de documentação básica e ambulatório

área de influência, realizado pelo Barco Zona Franca Verde. O programa tem a participação de mais de 50 instituições. Na prática, a construção da cidadania parte do fornecimento de documentação básica à população: carteira de identidade, CPF, título de eleitor, carteira de trabalho. Assim, criam-se as condições de acesso para benefícios previdenciários e para programas sociais estaduais como o Projeto Cidadão e o Bolsa-Escola. Outro componente da cidadania é o fortalecimento de associações de moradores e produtos comunitários, como

um fator de organização social das comunidades rurais. Essas ações são completadas por programas básicos de saúde e educação. O barco funciona também como ambulatório, posto de saúde e clínica de atendimento médico, oferecendo serviços clínicos gerais, pediátricos, odontológicos e oftalmológicos.

NA MARGEM DO RIO As comunidades atendidas pela embarcação margeiam o gasoduto ainda em construção, que ligará a Província de Urucu (no município de Coari) a Manaus, acompanhando o rio



Solimões. “O objetivo inicial do programa foi atingir as comunidades situadas 5 km à esquerda e à direita do traçado do gasoduto, e os resultados mostraram-se muito satisfatórios”, diz Nádia Ferreira. Desde setembro de 2005, o barco está a serviço do governo para ações de cidadania. Sua última missão foi na reserva de Mamirauá, próxima à cidade de Tefé (AM). A embarcação transportou jovens de uma expedição financiada pela Organização do Tratado Comum Amazônico (OTCA) e pelos ministérios da Educação do Brasil, Peru, Bolívia, Venezuela, Equador, Guiana Francesa, Suriname e Guiana. O objetivo era dar visibilidade às belezas e aos problemas amazônicos e formar novas lideranças que irão divulgar e defender a preservação para o uso sustentável dos recursos naturais da floresta amazônica. Segundo a coordenadora do programa, a Secretária do Trabalho, Ação Social e Cidadania (Setrac), responsável pelos barcos de Pronto-Atendimento Itinerante (PAI), “adotou” o Barco Zona Franca Verde, com cronograma pronto para suas próximas missões.

Flávia Gouveia

CIÊNCIAS SOCIAIS

O esquecimento da política e as mutações no mundo das idéias

As incertezas e profundas transformações nas várias esferas da vida humana compõem um panorama em que a política é um dos objetos privilegiados de esquecimento. Esse mote foi um dos principais eixos do ciclo de conferências “O esquecimento da política, cultura e pensamento em tempos de incerteza”, organizado pelo filósofo e jornalista Adauto Novaes, no segundo semestre de 2006 em Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. O evento é parte de uma trilogia inaugurada com “O silêncio dos intelectuais”, em 2005. Neste ano, além do lançamento do livro com os artigos de “O esquecimento da política”, ocorrerá o terceiro e último ciclo da trilogia, que terá como nome “Mutações”. Para Adauto Novaes, tanto o “Silêncio dos intelectuais” quanto “O esquecimento da política” fazem parte de uma idéia geral de discutir não a crise da civilização, que é algo que vem sendo constantemente retomado, mas sim uma mudança nos parâmetros da própria idéia de civilização no ocidente. “Não existe nenhuma área da atividade humana que não esteja passando por uma mudança radical. A própria idéia de in-

telectual clássico ou engajado, que tem como figura emblemática Jean Paul Sartre, tende a desaparecer sendo que ainda não está muito bem definido o novo intelectual, ou qual sua função”, diz Novaes.

Seguindo um questionamento semelhante, o segundo ciclo guiou-se pelas modificações da noção de política. “O que substituiu a política, o que tende a ser hegemônico na sociedade hoje?” pergunta Novaes, e responde: “a privatização do espaço público, daquilo que seria o social. Nota-se aí a substituição da política pela economia, mas ela ainda é substituída pela moralidade, por questões éticas, e algumas vezes a religião também tende a substituí-la”.

Além desse eixo, “O esquecimento da política” também foi direcionado por aquilo que Novaes afirma ser uma crise dos ideais republicanos, nascidos com as revoluções inglesa, francesa e americana. Segundo o organizador dos eventos, a república nasce num embate entre a defesa das questões sociais e a questão individual. “Isso é constitutivo da própria idéia de república. Mas existe hoje uma crise desses ideais na medida em que o individual está dominando a cena cultural e política, na grande maioria dos países” diz ele. Novaes apóia-se em vários teóricos, dentre eles Jacques Rancière, e seu recente livro *La haine de la démocratie*, para dizer que a ideologia dominante confunde ideais republicanos